

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
CURSO DE GEOGRAFIA

VINÍCIUS JOSÉ DOS SANTOS

**O PERÍODO DE ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE:  
A PERMANÊNCIA NA DOCÊNCIA ATRAVÉS DO ENSINAR  
E APRENDER COM OS ALUNOS**

Porto Alegre

2018

VINÍCIUS JOSÉ DOS SANTOS

**O PERÍODO DE ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE:  
A PERMANÊNCIA NA DOCÊNCIA ATRAVÉS DO ENSINAR  
E APRENDER COM OS ALUNOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Geografia - Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Nestor André Kaercher

Porto Alegre

2018

# **UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**Reitor:** Rui Vicente Oppermann

**Vice-Reitor:** Jane Fraga Tutikian

## **INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS**

**Diretor:** André Sampaio Mexias

**Vice-Diretor:** Nelson Luiz Sambaqui Gruber

Santos, Vinícius José dos

O Período de Estágio na Formação Docente: a permanência na docência através do ensinar e aprender com os alunos. / Vinícius José dos Santos. - Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2018.

[37 f.] il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalho de Conclusão do Curso de em Geografia - Licenciatura. Instituto de Geociências. Porto Alegre, RS - BR, 2018.

Orientador: Nestor André Kaercher

1. Formação docente. 2. Cotidiano escolar. 3. Estágio.  
4. Docência. I. Título.

CDU 551.4

---

Catálogo na Publicação

Biblioteca Instituto de Geociências - UFRGS

Sibila Francine Tengaten Binotto

CRB 10/1743

---

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Campus do Vale Av. Bento Gonçalves, 9500 - Porto Alegre - RS - Brasil CEP: 91501-970 / Caixa Postal: 15001.

Fone: +55 51 3308-6569

E-mail: bibgeo@ufrgs.br

VINÍCIUS JOSÉ DOS SANTOS

**O PERÍODO DE ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE:  
A PERMANÊNCIA NA DOCÊNCIA ATRAVÉS DO ENSINAR  
E APRENDER COM OS ALUNOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Geografia - Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Aprovado em 17 de Janeiro de 2018

---

Prof. Dr. Nestor André Kaercher - Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ivaine Maria Tonini - UFRGS

---

Prof. Dr. Nelson Rego - UFRGS

Para minha esposa Thatiany, que desde o início desta jornada me apoiou e incentivou. A passagem por grandes desafios, mudanças nunca modificaram a sua bondade, generosidade, otimismo e foco, permitindo que este trabalho fosse concluído. Ao João Vicente, filho amado, nascido em meio a este processo, obra perfeita de nossa natureza que preenche o nosso lar e corações de alegria e felicidade.

## **MEUS AGRADECIMENTOS...**

... A minha mãe Terezinha que não está mais entre nós, porém ficará guardada para a eternidade em minha lembrança. Pessoa fundamental de minha criação e educação, que com grande esforço sempre procurou me manter no caminho mais correto.

... A minha esposa Thatiany e filho João Vicente, por me abraçarem e cuidarem de mim com tanto cuidado e carinho, fazendo com que cada esforço meu valesse a pena.

... Ao meu cunhado Diego e minha sogra Ana Maria, que me ajudaram em momentos necessários para a realização deste trabalho, tendo papéis fundamentais neste período.

... Aos colegas que conheci durante o curso, criando diversas amizades, realizando trabalhos e por muitas e muitas horas de conversas interessantes.

... Aos professores deste curso que incansavelmente me trouxeram muitas experiências e trocas de conhecimentos valiosos para minha formação.

... Ao meu professor orientador Dr. Nestor André Kaercher, por me conduzir com paciência e dedicação, não apenas na produção deste trabalho, mas em minha formação como profissional docente.

... A UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por permitir que fosse desenvolvido este trabalho concluindo o meu processo de formação.

## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de identificar o que dentro do período de estágio tem mais importância para a formação docente. Para tanto, são utilizadas reflexões a partir dos estágios feitos no Ensino Fundamental e Ensino Médio de escolas públicas de Porto Alegre. A partir da ajuda dos textos de Callai, Freire e Kaercher, busca-se identificar e dialogar sobre o período da formação docente, constituindo uma base teórica em que se deve fundamentar o desenvolvimento deste trabalho. O momento de estágio é onde é evidenciada e sentida toda a proposta de formação docente, são colocadas situações ocorridas em sala de aula e formas como o aluno-professor propõe a sua metodologia de ensino. Busca-se com isto, comentar ações do professor e dos alunos em aulas que deram certo, bem como nas que não foram tão satisfatórias. Pontos importantes como a aproximação com os estudantes e a procura por saber mais de seus cotidianos, trabalhando e relacionando estes fatores com o entorno dos alunos sustentaram ainda mais este relato. Evidencia-se que o período de estágio torna-se um momento único e decisivo para o aluno em formação, considerando todas as potencialidades que podem ser utilizadas e o conhecimento adquirido pelo docente no transcorrer do curso. Vale a permanência na docência quando um caminho de conhecimento e aprendizado torna-se uma prática em que o aluno-professor produz um fascínio a este profissional, refletindo toda esta vontade e certeza em poder ensinar e aprender com estes alunos.

Palavras-chave: Formação docente. Cotidiano escolar. Estágio. Docência.

## **ABSTRACT**

This paper aims to identify what within the internship period has more importance for teacher training. For that, reflections are used from the stages made in Elementary and High School of public schools in Porto Alegre. From the help of the texts of Callai, Freire and Kaercher, we seek to identify and dialogue about the period of teacher education, providing a theoretical basis on which to base the development of this work. The moment of internship is where the whole proposal of teacher training is evidenced and felt, situations are posed in the classroom and how the student-teacher proposes his teaching methodology. It seeks to comment on the actions of the teacher and students in classes that worked, as well as those that were not so satisfactory. Important points such as the approach to students and the search to know more about their daily lives, working and relating these factors to the students' environment further substantiated this story. It is evidenced that the internship period becomes a unique and decisive moment for the student in training, considering all the potential that can be used and the knowledge acquired by the teacher during the course. It is worth permanence in teaching when a path of knowledge and learning becomes a practice in which the student-teacher produces a fascination to this professional, reflecting all this will and certainty in being able to teach and learn with these students.

Keywords: Teacher training. School daily. Internship. Teaching.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 OBJETIVOS.....</b>	<b>13</b>
1.1 OBJETIVO GERAL.....	13
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
<b>2 JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>14</b>
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>15</b>
<b>4 INTRODUÇÃO A PARTIR DO ESTÁGIO.....</b>	<b>26</b>
4.1 MOMENTO DO ESTÁGIO.....	27
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

A minha trajetória estudantil começa no início dos anos oitenta, onde com cinco anos de idade entro para o jardim de infância. Com seis anos estou na antiga primeira série, em uma escola municipal de Esteio, local onde residia, permanecendo lá até os dez anos na quinta série, pois a escola só oferecia turmas até este ano. A partir da sexta série fui estudar em uma escola estadual de Ensino Fundamental e Médio muito concorrida na cidade por ter um bom ensino, onde neste local completei o Ensino Fundamental, chamado de primeiro grau na época em que lá estudei.

Pensando em poder trabalhar no futuro e ter uma profissão estável, me inscrevi para um teste de seleção em uma escola técnica de São Leopoldo onde, depois de aprovado, cursei quatro anos e meio de ensino técnico, entre 1991 e 1995, obtendo o diploma com a qualificação de Técnico em Eletromecânica que me auxiliaria na minha carreira futura. Seguindo por este caminho, comecei a trabalhar na indústria de produção, passando para a de manutenção de aeronaves em 1998, onde ficaria até meados de 2016. Neste meio tempo aconteceram fatos, dentro e fora da minha vida profissional, que motivaram a minha entrada na faculdade. Estes acontecimentos iniciaram em 2006 através de incentivos vindos de minha esposa, na qual sutilmente me questionava sobre uma possível volta aos estudos. Esta ideia brilhou em minha mente e procurei achar uma linha de formação que mais me agradasse e encaixasse nas minhas pretensões. Então, como gostava muito de História e Geografia e a profissão não exige uma distinção de idade, optei por Geografia no vestibular da UFRGS em 2011, trazendo como um dos motivos não menos relevante a falta de recursos para custear uma universidade particular. A distinção de idade escrita anteriormente pode ser explicada como fator de concorrência em certas profissões. Quer dizer que no meu caso passando dos quarenta anos e se estivesse cursando uma faculdade de engenharia, só para exemplificar, muito provavelmente não conseguiria um posto de trabalho devido à procura por pessoas mais jovens para ocupar este cargo.

O vestibular para mim foi duro, pois vinha de escolas públicas deficitárias e estava sem acompanhar os estudos há mais de dez anos. Fácil saber que não iria conseguir, tivera uma preparação fraca e desta maneira acabei por não passar no vestibular. Procurei dar um tempo na questão dos estudos, porém logo a vida engraçada e sábia como apenas ela pode ser mexeu com as minhas pretensões e me forçou a procurar alternativas para que evoluísse na área humana e profissional. Movimentos feitos pela gerência do meu antigo local de trabalho fizeram com que me desagradasse daquele emprego. Numa tentativa de subir do fundo da

lagoa e respirar o ar da superfície, procurei estudar num cursinho pré-vestibular e também em casa para concorrer novamente a uma vaga na universidade. Com muita felicidade no ano de 2011 recebia a notícia de que passara no concurso vestibular para a graduação de Geografia. Terminaria aí um ciclo de estagnação no trabalho e começaria outro, como estudante de licenciatura em Geografia, profissão escolhida por mim primeiramente pela afinidade que acredito ter, depois pelas exigências de idade nas quais suportariam uma pessoa em minha situação e por último e não menos importante o desafio e a oportunidade de aprender e evoluir dentro de uma universidade.

Este trabalho vem trazer uma busca por respostas de indagações a respeito do estágio de licenciatura em Geografia vivenciado no oitavo ano do Ensino Fundamental e segundo ano do Ensino Médio em duas escolas de Porto Alegre. O momento de estágio é pensado e analisado tentando clarear questões que foram surgindo ao longo de minha formação como docente. Algumas questões podem ser adiantadas aqui como porque me tornar professor, mesmo depois de ter outra carreira? O que fez com que eu tivesse certeza de estar no caminho certo depois do estágio? Como as matérias dentro do período de graduação me ajudaram a evoluir como professor? Como é possível desenvolver um bom trabalho no estágio? Como os alunos perceberam as aulas? O que dentro do período de estágio tem mais importância para a formação docente? Qual a ligação entre as matérias do currículo na faculdade e a sala de aula? De que trata a Geografia na escola? O que seria uma boa aula? Refletem alguns motivos considerados de extrema importância para o meu início de jornada como docente. Desta maneira, tenta-se refletir aqui a abordagem utilizada no estágio, buscando um melhor entendimento da profissão escolhida nesta complexa e difícil rede que envolve conhecimento, aprendizagem, relações pessoais e outras tantas influências a que está suscetível minha carreira.

No meu caso, o problema a responder fala do quanto é importante o estágio na formação acadêmica focalizado em práticas dentro de salas de aula em escolas Públicas de Porto Alegre. Esta questão traz a relevância e o ponto principal deste trabalho, onde se reflete acerca deste universo que é a sala de aula. Tentar responder aos questionamentos acima citados permite pensar e refletir sobre o desenvolvimento de um aluno em sua trajetória na universidade até o momento em que precisa aplicar todo o conhecimento adquirido voltado para um público real, agora em sala de aula. Mostrar pontos considerados importantes na formação docente devem demonstrar a evolução e trajetória dentro deste processo de formação acadêmica e humana. Desta maneira, o diálogo franco e questionador com o conhecimento adquirido até aqui formam um poderoso aliado na obtenção de uma melhor

compreensão dos fatos sentidos neste processo. Este diagnóstico deve ser observado a partir das bases teóricas e análises sobre questionamentos e conclusões da experiência como aluno-professor. Isto é dito por que há a necessidade de demonstrar todo um contexto envolvido neste percurso, produzido e pensado na intencionalidade de procurar entender os efeitos a que se está sujeito dentro do estágio. Desta maneira, talvez se possa compreender um pouco mais a visão do aluno universitário quanto à forma de entender o momento de estágio na licenciatura em Geografia podendo pensar o período citado, aumentando o conhecimento do futuro professor em vários setores que não só a Geografia.

Como objetivo principal tenta-se responder a pergunta: o que dentro do período de estágio tem mais importância para a formação docente? O período de estágio em licenciatura de Geografia ocorreu no oitavo ano do ensino fundamental e segundo ano do ensino médio nas escolas públicas de Porto Alegre. Uma das escolas em questão é a Escola Estadual Ensino Fundamental Rio de Janeiro o qual se localiza no Bairro Cidade Baixa. A outra escola chama-se Colégio Estadual Piratini e atende ao público do Ensino Médio, localizando-se no bairro Auxiliadora. Para tanto, foram observados os métodos de ensino colocados em aula, bem como analisada a prática da Geografia com as realidades das salas de aula do ensino público nestas escolas em que foram realizados os estágios. Desta forma, acredita-se ser possível dialogar uma melhor compreensão das formas de ensino utilizadas no estágio.

A meta é refletir a importância do período de estágio na formação e complementação do futuro professor de Geografia, contribuindo para uma melhor visualização a respeito deste momento em que o aluno-professor tem que carregar e se fazer usar de uma bagagem de conhecimentos próprios e externos, adquiridos durante a sua vida fora e dentro da universidade. A experiência como profissional docente é um fato único e que não possui respostas tão simples como se possa pensar.

Este trabalho de conclusão de curso traz um pouco a reflexão sobre o que dentro do período de estágio tem mais importância, buscando dialogar com a prática docente em Geografia dentro da sala de aula. Na tentativa de esclarecer tais evidências provindas da sala de aula, procura-se deixar transparecer em sua maioria os pontos positivos desta convivência, não devendo esconder o que falhou, pois seria incoerente utilizar apenas um dos lados deste tema. Desta maneira, a busca por estas respostas torna-se muito mais rica e cheia de caminhos que podem ser seguidos, onde cada um leva a uma solução que às vezes irá funcionar para o profissional docente e em outras situações não terá muita utilidade neste contexto. Claro que estes caminhos dependerão da escolha e forma com que o professor irá trilhá-los, desenvolvendo com isto a sua maneira de apresentar a aula aos alunos.

## **1 OBJETIVOS**

### **1.1 OBJETIVO GERAL**

Identificar o que dentro do período de estágio tem mais importância para a formação docente.

### **1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar os métodos por mim utilizados no período de estágio;
- Reconhecer o ambiente escolar onde foram realizados os estágios;
- Analisar as situações no momento de estágio.

## 2 JUSTIFICATIVA

Este trabalho de conclusão de curso tem como importância principal o entendimento de como o estágio na sala de aula, como aluno-professor de Geografia, pode ser realizado de uma maneira a tornar este momento uma fase melhor aproveitada e influenciar na formação como docente. Este tempo em questão se torna imprescindível, pois os ensinamentos e a vivência em classe trazem ao indivíduo algumas influências as quais refletirão no seu aprendizado como docente. De acordo com alguns teóricos como CALLAI, FREIRE e KAERCHER se faz necessário que se busque mudanças na forma como é aplicado o conteúdo, bem como é transformada a maneira de ensinar e aprender no intuito de buscar um melhor desempenho como professor. Este desempenho deve ser traduzido como uma forma de não acomodação por parte dos profissionais docentes, na maneira de como ele irá buscar e manter um melhor nível de aprendizado para os alunos. Nestes autores, a busca pela reflexão pensada para a sala de aula e para o aluno é um processo fundamental na constituição de um ensino realmente efetivo e benéfico. Este ensino que faça o aluno crescer, criar e desenvolver suas opiniões, diferenciando e traduzindo o que realmente lhe interessa, trará para o estudante muitos benefícios, fazendo-os atingir níveis de compreensão com maior facilidade. Desta maneira, este projeto quer pensar em alguns caminhos que são percorridos atualmente no desenvolver intelectual e social do aluno-professor.

Pensar um caminho de como o estágio no ensino de Geografia poderia ser instituído, trazendo melhores condições e desenvolvimento para um espaço tão importante como o da sala de aula, já seria um desafio árduo. Inclusive se pode pensar que se o profissional docente, percebendo este momento e realizando um bom envolvimento com o que se acredita ser uma boa aula, desenvolva um caminho com melhores condições para as necessidades dos alunos, fazendo com que todo este contexto seja refletido na vida dos próprios alunos. Uma boa aula, neste caso, não apenas no sentido de trazer conteúdos, mas fazer os alunos pensarem sobre os assuntos e exporem suas próprias conclusões. Espera-se que com este estudo se possa clarear e deixar mais evidente a percepção do momento de estágio na licenciatura em Geografia, trazendo questões aqui levantadas e fazendo pensar e refletir o que de positivo e também de negativo motivaram a formação como professor. Como educador, acredito que um professor não se torna bom apenas no estágio e sim aprendendo e ensinando em todos os períodos da sua existência.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

A produção e o envolvimento do ser docente são caracterizados por inúmeras experiências vividas no contexto de um ambiente escolar. Tanto o professor como os alunos dependem de suas interações, saberes e trocas para o desenvolvimento de melhores aulas e até a convivência em nossa sociedade. Conforme acontece o caminhar e a produção dos pensamentos direcionados para o auxílio e formação dos nossos alunos, experimentamos sensações e vivências que apenas este ambiente consegue nos oferecer. Como exemplo, cita-se uma aula em que certo conteúdo fora abordado, o professor estava tentando colocar o seu melhor naquele assunto e desenvolver com os alunos o raciocínio a respeito do tema. Bem, se apenas o professor ficasse falando e explanando suas ideias, não faria o mínimo sentido aquela aula aos alunos, porém alguns estudantes procuraram dialogar e colocar os seus pontos de vista e suas dúvidas. Com isto, a produção dos pensamentos e o envolvimento de todos na sala de aula, irá oferecer um caminho menos tortuoso na formação dos alunos, pois esse diálogo não ocorre naturalmente, mas sim induzido por uma intencionalidade do professor.

Pode-se pensar que para a formação como Professor de Geografia foi e será necessário coletar e pensar ideias que realmente façam algum sentido para este aluno participante de nossas práticas docentes, pois sempre a aprendizagem e o ensinamento estarão presentes na vida escolar. O que se deve compreender como princípio de aprendizagem retrata o referencial teórico utilizado por Callai (1995) e trata da formação do professor de Geografia, constituindo dois momentos, em que o primeiro é a habilitação formal e o segundo a formação continuada num processo de crescimento do docente. No texto, a autora nos fala da restrição do período de habilitação que passa na universidade de Ensino Superior, onde principalmente nas universidades públicas existe uma priorização pela pesquisa, no caso da Geografia, em que o currículo torna-se mais voltado para o Geógrafo deixando a Licenciatura em um segundo plano de acordo com Callai (1995). O que vai ocorrer nestes casos é que tanto o professor formado em uma universidade ou outra, enfrentarão problemas em sala de aula, visto que as exigências no ambiente escolar irão além do que propõem as instituições de Ensino Superior. O que se procura salientar é que o Professor de Geografia necessita de conhecimentos que ultrapassem o saber geográfico, tendo a ver com o processo de construção do conhecimento, onde os aspectos pedagógicos e psicológicos tornam-se muito importantes. Já no segundo momento trata da formação continuada, que deve fazer o profissional pensar e teorizar a própria prática. Este papel deve ser permanente, procurando junto às universidades um melhor entrosamento com o Ensino Fundamental e Médio. Callai (1995) fala que os

problemas enfrentados por professores nas salas de aula tem soluções distintas e por isso não existe uma forma de solução mágica ou pronta que dará certo a priori. O que deve funcionar é a participação do professor sempre questionando a sua prática, as suas dúvidas e a suas certezas, desta maneira irá levar as soluções.

A primeira é básica, é condição para a atuação do profissional e como tal deve ser considerada, e ser objeto de constantes críticas e avaliações, além do que deve dar conta plena da formação e habilitação. Porém a segunda passa a ser também fundamental, pois que a atualização é condição necessária para o exercício de qualquer profissão, e no caso do professor é muito importante refletir a própria prática, pois formar cidadãos requer como condição que seja exercida a própria cidadania (CALLAI, 1995, p. 39).

Desta maneira, Callai (1995) aborda caminhos onde o aluno universitário deveria seguir para a formação de sua identidade docente. Oportunizando aos alunos do Ensino Fundamental e Médio construir um saber e manter seus interesses nas aulas, entendendo a relação e o significado de todo este processo educacional. Esta construção de saber deve tornar o aluno ator principal nas práticas da sala de aula, desta forma colocando o aluno como protagonista nos assuntos discutidos, trazendo o foco deste educando para bem perto do que se pode considerar mais interessante na questão do desenvolvimento e aprendizado de todos.

Também é falado sobre o conteúdo passado em sala de aula, onde muitas vezes existe uma carga gigantesca de informações que deveriam ser filtradas e selecionadas pelo professor, no sentido de melhorar a compreensão e formação do pensamento do aluno a respeito de certa matéria. Esta compreensão e formação do pensamento devem ocorrer não apenas dentro da sala de aula, mas em todo o tempo vivido e sentido pelo educando, em sua casa, na rua, no seu bairro, enfim com pessoas a sua volta. O aluno precisa conseguir fazer a ligação das matérias apresentadas com o seu cotidiano e desta maneira exercer o seu pensamento a respeito do que lhe interessa. O papel do professor é trazer para o aluno várias formas de interpretar um conteúdo, selecionando as matérias e colocando caminhos que instiguem a curiosidade dos estudantes. Pode-se pensar que os conteúdos melhores direcionados nas escolas, cita-se o exemplo trabalhado nas duas escolas do estágio onde era necessário retirar dos livros didáticos conteúdos em que realmente fariam algum sentido para os alunos partindo da percepção de que o professor deveria buscar o que fosse mais adequado, podem e devem ser trabalhados para o bom entendimento dos educandos. Os critérios usados para esta seleção dos conteúdos parte do princípio que os estudantes irão identificar e relacionar a matéria tratada com os seus pré-conhecimentos. É evidente que muitos fatores no entorno desta discussão, como a extensão de conteúdos no livro, ou seja, a quantidade de informações

apresentadas nos livros didáticos não parece ser muito viável, mas por representar em muitos casos a única forma de pesquisa aos alunos, dificulte a tentativa de melhorarmos a prática de ensino, porém não se deve ficar de braços cruzados apenas reclamando do que não serve, mas sim procurando criar opções para o desenvolvimento da aula. Os conteúdos muitas vezes são vistos e passados pelo professor de maneira a vencer um tempo no ano escolar. Conforme Callai (1995), a busca por sintetizar, em muitos casos estes conteúdos, retirar deles o que realmente o docente entende por necessário e básico para o aluno faria muita diferença na construção do aprendizado do educando.

Neste sentido o próprio curso de graduação deve permitir aos licenciados, que exercitem uma prática de sala de aula que não seja a mera repetição de conteúdos transmitidos a cada semestre, mas sim com uma linha metodológica que articule o ensino e a pesquisa (CALLAI, 1995, p. 41).

Concordando com a citação acima, não se pode falar aqui que uma ou outra cadeira da Universidade, principalmente as últimas do curso ocorridas na Faculdade de Educação da UFRGS - FACED deixaram de promover e incentivar práticas que conduzissem ao pensamento e criação do profissional docente. O incentivo às práticas em sala de aula foram bem apresentados e instigados nas disciplinas de educação. Parece que na maioria das disciplinas, onde a pesquisa e a ligação com a Geografia voltada ao Geógrafo, o incentivo às práticas de ensino quase não existiam ou eram ignorados. Talvez em curto prazo isto não seja notado, porém à medida que o aluno vai acumulando a sua carga como docente, estas práticas metodológicas de ensino e pesquisa vão sendo percebidas como lacunas para a realização de aulas em que o nível de desenvolvimento poderia ser melhor.

Dentro do contexto do ambiente escolar, podem-se articular muitos conteúdos e vivências de nossos alunos e porque não dizer do profissional docente. Isto remete ao que diz Callai (2013) em seu texto que trata da escola, cotidiano e lugar, onde estes três elementos formam fatores indispensáveis aos ensinamentos e práticas da Geografia. A escola, por se tratar do ambiente na qual a criança ou o jovem evoluem com outros alunos, o cotidiano, por trazer as realidades vividas por cada um em suas vidas fora da sala de aula, e o lugar, onde cada um se identifica e forma sua identidade.

A escola é a instituição formal que possui a responsabilidade de apresentar ao aluno o acesso ao conhecimento produzido pela humanidade, contudo nem sempre é assim, pois outras funções são colocadas nas escolas. O que realmente interessa aqui é o espaço que considera a instituição escolar um local com a possibilidade de contribuir para a formação da

criança, fazendo com que ela se situe no mundo e mais adiante no mercado de trabalho.

O cotidiano, que é o dia a dia de cada um, devendo para a sua melhor compreensão ser observado o que ocorre ao redor de todos, onde ao fazer a seleção do que realmente interessa o aluno e até mesmo o professor conseguirão entender o mundo e o local onde vivem. Neste caso, a Geografia contém elementos que contribuem para a formação do cidadão, muito além do que o educando consegue captar. Callai (2013) fala que, para que cada sujeito possa entender o que acontece na vida cotidiana, é fundamental que ele consiga abstrair daquilo que é o dia a dia de sua vida, as questões que acontecem no lugar onde ele vive. Os acontecimentos não são meramente do acaso, mas parte de uma construção social, onde cada um realiza uma parte, seja fazendo algo ou não fazendo nada.

O lugar constitui-se onde vivemos, moramos, trabalhamos, ou seja, acontece nossa vida. Os resultados do que acontece em um determinado lugar não são ocasionados por decisões internas somente, mas por influências externas também. Como exemplo, o lugar pode ser espacializado no bairro onde vivemos, muitas transformações ocorrem neste local onde dependendo da exigência sócio-econômica irá instalar-se ali um tipo de instituição escolar, moradias e comércio. Existem escalas sociais de lugares, que devem ser trabalhadas com a intenção de superar a interpretação localista e fechada, na qual impede de se explicar o que vai acontecendo no lugar. Desta maneira, cada lugar está inserido em uma rede que suporta tais escalas de análise que, por conta disto, devem considerar e reconhecer a articulação dos fatos, fenômenos e forças reais ou virtuais.

Neste sentido, se faz necessário perceber um pouco os locais onde foram realizados os estágios como instituições ainda bem tradicionais e até bastante desgastadas. Tradicionais no sentido de ainda utilizarem moldes de séculos anteriores para o aprendizado dos alunos, mantendo os estudantes sobre certas regras rígidas e que não auxiliam no desenvolvimento dos mesmos. Além da estrutura escolar, que não permite ao aluno uma melhor visualização e participação no seu crescimento junto ao local onde vive. Claro que nem tudo deve ser permitido, algumas regras devem existir, porém uma pequena flexibilização nas normas ajudaria a melhorar estes atritos entre a instituição e os alunos. Desgastadas, primeiramente em sua forma material-estrutural no qual o tempo e a falta de recursos para a manutenção dos prédios, somado à compra de equipamentos e melhores condições das salas, aponta para uma degradação e desestímulo de alunos e professores. Também se pode contar com uma visão desanimadora formada por alguns professores e alunos, ao não sentir a melhora da instituição, fazendo daquele local um ponto apenas de passa tempo.

Como exemplo, no Ensino Fundamental a escola passava a sensação de não ter

forças para guiar seus alunos a um caminho mais condizente com uma vida digna e capaz de promover o desenvolvimento dos seus estudantes. Não que de algum modo os professores deixassem de tentar ensinar seus alunos, mas as turmas eram agressivas e traziam uma formação desde pequenos, tornando-se muito difícil as práticas docentes. Entende-se que exista a questão do cotidiano dos alunos e que o mesmo venha muito forte para dentro da sala de aula, este cotidiano castiga e coloca os educandos sempre em uma forma defensiva com relação a receber e entregar algum aprendizado. A resistência que alguns estudantes apresentam a confiar mais na aula do professor nem sempre é rompida, mas quando isto ocorre, pode-se obter grandes surpresas e participações destes alunos. Na prática, deve-se tentar interligar os assuntos falados com a realidade dos jovens alunos. Torna-se muito difícil trabalhar com a realidade de cada um, realidade esta que traz todo um contexto de vida do educando, suas esperanças, angústias, visões de mundo e mesmo conhecimentos adquiridos até aquele momento, onde o estudante vive e sente o local, produzindo as suas verdades sobre o mundo. Deste modo, procura-se dar sentido a maioria das coisas propostas na escola onde “o importante é saber as coisas e saber o que fazer com elas ou, melhor, transformá-las em ferramentas para compreender o mundo e conduzir a própria vida” (CALLAI, 2013, p. 23).

Este saber as coisas e saber o que fazer com elas está dentro do cotidiano dos alunos, conforme Callai (2013), torna-se importante que este saber se transforme em ferramentas em que o estudante consiga compreender melhor o mundo e conduzir a sua própria vida. Por esta razão, o cotidiano dos alunos tem uma relevante importância na construção dos saberes escolares. Os acontecimentos e formações fora da escola, onde os educandos formam diferentes tipos de visões, necessitam serem interligados com as matérias apresentadas no âmbito escolar, produzindo, desta forma, relações nas quais eles consigam refletir com melhor propriedade.

Para tanto, muito além das aulas propostas, a partir dos assuntos escolhidos se faz necessário que o professor compreenda a visão dos alunos a respeito da Geografia e o que eles entendem como sendo uma aula de Geografia. Os alunos dos dois estágios possuem formas de agir e pensar bem próprias, talvez pela diferença de idade, mas muito pelo entorno onde vivem. Os estudantes do Ensino Fundamental vêm de diversos bairros e residem em sua grande maioria em bairros mais simples de infraestrutura. Já os estudantes do Ensino Médio, moram em bairros com melhores condições, trazendo uma visão geográfica e uma formação social bem diferente das do Ensino Fundamental. O desafio é colocar para cada caso uma Geografia que dialogue com eles, partindo da escala onde estão, ou seja, fazendo sempre a ligação de seus locais de vivência com os conteúdos praticados em sala de aula.

Outro fator interessante é que estes educandos não deixam de demonstrar seu descontentamento e em muitas vezes suas críticas a respeito de algum tema sugerido, formando grandes fontes de resistência à aula proposta pelo professor. Como exemplo, coloca-se aqui uma aula em que o conteúdo formado pelo docente parece não atingir a curiosidade dos alunos, ou vai contra a visão que eles têm a respeito daquele assunto. Isto causa certa oposição por parte dos estudantes e, se o professor não conseguir com seus argumentos convencer os alunos, esta parte da aula poderá estar comprometida. Contudo, a Geografia apresentada nas escolas na maioria das vezes não contempla um envolvimento maior por parte dos alunos, com o objetivo de instigar a curiosidade deles e formular questões as quais mais tarde se possa discutir e contextualizar em ideias condizentes com a realidade de cada um. Primeiro, que não é tarefa fácil buscar a curiosidade do aluno, fazendo com que ele fique focado e intrigado com questões mostradas, em muitos casos desarticuladas do assunto tratado. Segundo, que o papel do profissional docente é o de criar questionamentos para os alunos refletirem e responderem, criando a partir disto suas próprias perguntas.

Kaercher (1998) nos apresenta uma visão de como os alunos enxergam a Geografia na escola e também em suas vidas. Ele também nos diz que os espaços criados pelo homem devem ser compreendidos como contendo desigualdades sociais e espaciais, fazendo com que os educadores da Geografia possam compreendê-los, tendo condições juntamente com a própria ciência de levar os alunos a uma leitura mais crítica e menos ingênua do mundo. Como provável resultado, o esclarecimento destes estudantes trará uma melhor participação política na construção de espaços mais justos, em que o homem será mais solidário e tolerante com seu semelhante. O material que faz parte de uma pesquisa para a dissertação de Mestrado do Professor Dr. Nestor André Kaercher, realizada entre alunos do Ensino Médio de cinco escolas públicas, tenta trazer à tona a utilidade do ensino de Geografia às escolas. Desta forma, procura-se, como diz o autor, “investigar como está o ensino de geografia na escola pública”, destacando o tradicionalismo nas formas de construção do conteúdo ainda visto nos dias atuais. Assim sendo, “o ensino de Geografia pode e deve contribuir para conhecermos melhor uns aos outros e ajudar na tarefa de atenuar as fronteiras que os seres humanos criaram e dificultam sua convivência solidária” (KAERCHER, 1998, p. 176).

Agora, se faz necessário conhecer os locais onde foram realizados os estágios do Ensino Fundamental e Médio nas escolas públicas de Porto Alegre. A escola de Ensino Fundamental está localizada no bairro Cidade Baixa, chamada Escola Estadual Ensino Fundamental Rio de Janeiro, educando 280 alunos e contendo um corpo docente com 18 professores. Neste local, estudam alunos de diversas partes da cidade, trazendo para dentro da

sala de aula traços muito fortes de seus cotidianos, ou seja, de suas vidas fora da escola e a turma a ser trabalhada, no meu caso, é o oitavo ano do Ensino Fundamental. Já a escola de Ensino Médio está localizada na Rua Eudoro Berlink, número 632, bairro Auxiliadora, na cidade de Porto Alegre e se chama Colégio Estadual Piratini. Os alunos atendidos na escola possuem faixa etária que vai dos 14 aos 21 anos em um total de 800 alunos, contando com um número de 47 professores.

Em outra passagem, Kaercher (2014) coloca a necessidade de não ser imposta a visão de mundo do professor em sala de aula, onde se deve sim mediar e instigar a curiosidade dos educandos, colocando sempre a dúvida na certeza dos nossos alunos. Os professores de Geografia nunca ensinam apenas Geografia, na maioria das vezes ensinam outras coisas e menos Geografia, porém são exemplos e referência não só de Geografia, mas de outras práticas de vida para os alunos em sala de aula. O nunca ensinar apenas Geografia pode ser esclarecido, pois a própria disciplina trata do ser humano em si construindo e modificando o seu espaço. Neste contexto, torna-se muito complicado o professor não entrar em assuntos correlatos, que em muitas vezes estão fora do conteúdo pretendido, mas que fazem parte da vida dos alunos e também é Geografia. O professor pode muito e, se o mesmo considerar o seu grau de comprometimento com a educação, conseguirá aperfeiçoar seus métodos de ensino. Porém, o mais essencial na relação de ensino e aprendizagem está em outro lugar, que não sua técnica ou vontade, ele encontra-se no mais importante que é o aluno, no seu desejo de saber e aprender. Compartilho com Kaercher que:

A Geografia e seu conteúdo são pretextos para a discussão coletiva sobre a razão e o afeto que envolve não apenas a disciplina Geografia, mas a relação com os alunos (KAERCHER, 2014, p. 40).

Não há como fazer ciência sem a crença de que a nossa ação faz diferença para melhorar o mundo (KAERCHER, 2014, p. 42).

Também o autor afirma e revela o fato de o professor ser um crente naquilo que faz e produz. Esta questão não se trata apenas de comprovação científica, mas também é produzida pelos desejos dos professores em terem uma estrutura docente e tudo o que envolve o ensino, voltados a uma melhor qualidade para os alunos. Estes dois momentos, do científico e do desejo, devem caminhar juntos para não ocorrer a chamada acomodação por parte do profissional docente. Esta acomodação leva ao desânimo e o professor começa a não enxergar mais sentido e também deixar de criar alternativas para o bom desenvolvimento das suas aulas. Isto pode se traduzir mais concretamente ao analisar alguns momentos do estágio, onde o professor colocou a sua vontade de conduzir uma aula em que os alunos participassem com

mais força. A inquietação que a aula provocou, tanto no docente como nos estudantes, desencadeou formas alternativas e diversos caminhos para que fossem criadas maneiras de desenvolver os assuntos pautados. A crença em poder ensinar, aprender, dialogar e construir maneiras de ler o mundo, a partir das alternativas produzidas pelas questões científicas e também dos desejos, apresenta ao material mais importante no convívio escolar, que são os alunos, opções de caminhos de desenvolvimento dos temas tratados. O fato de o profissional docente acreditar em suas propostas de ensino, mesmo tendo uma boa base de teorias e uma carga de experiências vividas, não garantem o sucesso às aulas. Talvez, um caminho para isto, seja do professor estar disposto à novos desafios e inquietações, mantendo o desejo por evoluir com os alunos.

A necessidade de avaliar todas as situações que ocorrem dentro do ambiente escolar, tem o propósito de manter a aula em que a proposta de fazer os alunos pensarem e refletirem sobre os assuntos ocorra com maior naturalidade. Por isso, é tão importante as palavras de Kaercher (2014) ao trazer a afirmação de que o professor é um modelo que será influenciador dos jovens alunos, mesmo que não perceba ou deseje isto em sua carreira. Pode-se observar que não se tem o controle sobre esta influência que colocamos para os nossos alunos, os atos e maneiras de falar, movimentar, explicar, vestir e qualquer outra ação que venha surgir do professor terá seu efeito sobre os educandos. Eles estão sempre aprendendo, observando e concluindo coisas a respeito de tudo que acham importante para suas pretensões, da maneira que o docente não deve simplesmente deixar de sentir estes momentos, aproveitando estas oportunidades para tentar conduzi-los a pensar e refletir sobre o que realmente importa em suas vidas.

Apontar caminhos, tentar influenciar em mudanças, por pequenas que sejam, parece um compromisso que podemos assumir. Um risco que queremos assumir. O professor, sendo um modelo, por definição de atuação, dá conselhos, aponta caminhos, etc. É inevitável. Mesmo que não “desse” conselhos é modelo, exemplo para os alunos, com seu corpo ou até mesmo com seu silêncio (KAERCHER, 2014, p. 43).

Freire (2017), em seu livro “Pedagogia da Autonomia”, vai dizer em certo momento que não se ensina sem aprender e não se aprende sem ensinar. Reforça também que primeiro antes de ensinar temos que aprender e refletir sobre o material estudado. Para o autor, ensinar exige o que chama de rigorosidade metódica, onde o educador não deve se omitir de provocar a capacidade crítica do educando. Tal capacidade deve ser incentivada propiciando condições onde os educadores e educandos sejam criadores, instigadores, inquietos, curiosos, humildes e persistentes.

Como pode ser observado e sentido no momento do estágio, todos os estudantes possuem a capacidade para criar e refletir sobre os temas discutidos. O que pode ser salientado em sala de aula pelo professor, são as regras colocadas claramente a respeito de como os educandos precisam fazer tal trabalho, ou leitura, e até mesmo como irá funcionar a aula nos momentos do período de Geografia. Em diversas situações, em que não foram colocadas as regras de forma clara aos alunos, teve-se muita dificuldade em conduzir uma aula satisfatória. Não se deve dizer aqui que as regras tenham que ser imutáveis, porém constata-se que elas devam existir e fazer parte do entendimento dos educandos.

A maneira como são colocadas as perguntas e também como são permitidas, tendem a influenciar na curiosidade dos alunos de saberem mais e refletirem sobre os assuntos tratados em sala de aula. Acredita-se que a curiosidade apenas será atingida nos alunos se os mesmos conseguirem tirar algum sentido das matérias geográficas, ou seja, os temas devem interligar os assuntos tratados com o espaço vivido pelos alunos. Esta curiosidade pode ser despertada fazendo o aluno ter maior participação, questionando e propondo o seu ponto de vista, onde o professor, mediador dos conteúdos, não cobre que o educando fique apenas copiando textos, mas sim copie, leia, compreenda, dialogue, enfim, transmita suas ideias a respeito do tema proposto. Relatam-se aulas onde foram utilizadas perguntas em que os alunos precisaram opinar e discutir os assuntos, o nível de interesse e produção de ideias foi muito estimulante e benéfico para todos. A palavra regra, muito forte para alguns, pois acreditam estarem presos a uma só verdade, não condiciona o professor a deixar de buscar uma aula e ensinamentos que possam trazer uma maior reflexão dos alunos sobre as suas vidas e o que buscam de melhor para si. A humildade e a persistência devem ser incentivadas e demonstradas sempre que possível, através de aulas que dialoguem com os alunos e demonstrem que o professor não detém todo o conhecimento e pode sim aprender com os educandos.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade (FREIRE, 2017, p. 26).

A experiência total, como descrito na citação acima, seria fazer parte da totalidade de recursos e possibilidades, na qual o profissional docente possa se apropriar para utilizar na prática de ensinar e aprender. Seguindo por este caminho, é analisado de que maneira a condução de uma aula deva submeter-se a certas diretivas, onde se precisa deixar claro que

não seja uma coisa engessada, mas moldável dentro de um sentido aceitável para o ensino. Política, porque sem este elemento as discussões e as maneiras de administrar as aulas da sala se tornam vagas, sem qualquer ordem ou organização. Esta metodologia de política colocada aqui representa a arte de guiar as aulas, permitindo a opinião de todos os envolvidos neste processo, apresentando as características normativas da sala de aula e priorizando as decisões do grupo de alunos. Ideológica, na intenção de propor uma visão mais concentrada e reflexiva, tanto para minha identidade docente como para os alunos. Esta visão mais reflexiva remete ao fato de que o professor deve estar sempre questionando as suas aulas, pois este é um caminho que faz com que o docente não entre na mesmice e procure sempre pensar e alterar a sua maneira de construir as suas aulas com os educandos. Em diversos momentos, o professor sai da sala de aula arrasado por achar que não conseguiu atingir os seus alunos como gostaria. Então, passa um bom tempo se perguntando o que deu errado? Como faria para melhorar aquela ou a próxima aula? Esta reflexão certamente trará melhores ideias para o docente formar sua aula e desenvolver os temas com seus alunos.

Outro fator importante nesta vivência seria o discurso do conhecimento e a prática de ensino que, se forem utilizados como uma tendência e verdades únicas, bloquearão qualquer tentativa de se trazer para o ambiente escolar a curiosidade e criticidade dos alunos. Tudo isto deve ter sua beleza e moral no contexto de que prevaleça a credibilidade da aula e o respeito aos assuntos propostos. A beleza se traduz aqui como a parte da aula em que alunos e professor estão conectados com aquele brilho no olhar, procurando saber mais e construir novos pensamentos. A moral é o que dá sentido aos conteúdos em ter um propósito, baseando-se em ideias que sustentem o que é comentado e discutido em sala de aula. Para tanto, é necessário que estes assuntos sejam verdadeiros e possam ser estudados e pesquisados mantendo o que foi chamado de credibilidade, onde os temas e a proposta da aula criem nos estudantes a vontade de analisar e utilizar os seus pontos de vista em relação aos conteúdos.

Para Freire (2017), ensinar exige vários atributos como pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética, bem como muitos outros caminhos e cuidados na formação de um bom professor. O professor ao pensar certo em seu ponto de vista, não deve deixar de levar em consideração o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação, bem como o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Este pensar certo pelo docente, quer dizer que ele ao ensinar não deve sempre estar certo de suas certezas. Este duvidar remete o professor a estar sempre buscando e criticando melhorar o seu trabalho, pois como diz Freire (2017) “só, na verdade, quem pensa certo, mesmo que, às vezes pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo”. Isto não quer dizer que o professor tenha que

saber tudo e ter a solução para tudo, mas pode e deve incitar no aluno a prática da investigação, criticidade e análise, mantendo em seu ensinar a humildade e persistência. Um ponto que deve sempre ser desenvolvido é a capacidade reflexiva do professor, onde devo sempre me sentir incomodado com as minhas afirmações e proposições. Esta capacidade reflexiva necessita estar em ampla atividade e não requer que o docente simplesmente leia vastos conteúdos e livros sem fazer uma análise daquilo que está lendo. Tudo que é visto ou falado pelo professor para os alunos, tem a necessidade de ser bem estudado e avaliado, ou seja, é prioritário que a reflexão seja proposta sobre estes atos no intuito de criar melhores maneiras de apresentar as aulas. A capacidade reflexiva do docente quando bem formada, consegue trazer para a sala de aula boas práticas, evidenciando nos alunos a curiosidade e vontade de compartilhar os conhecimentos. Lembra-se uma aula onde houve descontentamento por parte do professor em não ter atingido o que propunha àquele momento. No período em que volta para casa, fica pensando e analisando como poderia modificar e trazer algo em que os alunos participassem da aula com maior vontade e curiosidade. Na aula seguinte pode-se notar a diferença para melhor, pois o professor repensou algumas atitudes e métodos, tornando a aula mais atrativa aos estudantes. Quando para-se para pensar sobre uma aula dada, nunca se pode contentar e dizer que esta perfeita, seria um grande erro, pois levaria a não criticar esta aula, ocasionando uma estagnação na evolução como docente.

Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me ingago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar e anunciar a novidade (FREIRE, 2017, p. 30).

#### **4 INTRODUÇÃO A PARTIR DO ESTÁGIO**

Auxiliado pelos referenciais de Paulo Freire, Helena Copetti Callai e Nestor André Kaercher, relatarei as aulas apresentadas no estágio do Ensino Fundamental e no Ensino Médio em escolas da rede pública de Porto Alegre. Estes referenciais apresentam assuntos que auxiliam e direcionam o aprendizado e vivência do aluno-professor, enquanto formula a sua prática docente e, também, a reflexão dos conteúdos na vida social para a formação do mesmo e de seus alunos. Todo o conhecimento e prática utilizados fazem parte do período vivenciado pelo aluno-professor em seu momento de estágio, bem como suas indagações, sentimentos e angústias dentro e fora da sala de aula. Este conhecimento apresentado ao longo do estágio é esclarecido como um aprendizado desenvolvido durante todo o curso acadêmico. Acredita-se que, desde o primeiro momento em que o curso de Geografia começa com suas cadeiras de matérias iniciais, o aprendizado dá a largada, indo de encontro com os conteúdos das últimas cadeiras, onde o nível de desenvolvimento já foi aumentado e requer do aluno uma formação melhor construída daquela que possivelmente ele tinha quando iniciou o curso de Geografia. A prática como um fator importante, deve ser considerada não apenas nos momentos em que o estágio está ocorrendo nas escolas, mas também ao longo do curso onde mesmo não tendo a presença de alunos do Ensino Fundamental e Médio, o pensamento sobre as tarefas pode e deve ser bem desenvolvido com o objetivo de levar uma melhor qualidade de ensino para os futuros alunos.

#### 4.1 MOMENTO DO ESTÁGIO

Para tentar explicar um pouco como foi a convivência com a fase de estágio, coloca-se primeiramente alguma abordagem sobre o período trabalhado no Ensino Fundamental e Ensino Médio. Isto trará alguma ideia, embora mínima, do universo tratado que é a sala de aula e tudo o que envolve a difícil tarefa de tentar ensinar-aprender do ser docente. Seguem-se como referência os modelos de aulas praticados e desenvolvidos nas disciplinas de Estágio I e II, onde é possível fazer uma avaliação em relação às aulas apresentadas, construindo neste sentido as características que englobam a formação como indivíduo ao longo de uma vida de aprendizado. Busca-se com este movimento, uma aula mais coerente, em que o experimento com diversos modelos de didática, no sentido de trazer um quadro mais favorável ao desenvolvimento da turma no Ensino Fundamental e Ensino Médio, crie ambientes mais prósperos ao pensamento crítico. Primeiramente, fala-se do estágio no Ensino Fundamental e logo após o período no Ensino Médio. Separa-se um do outro porque foram sensações distintas com públicos bem diferentes em cada um dos momentos passados no estágio Fundamental e Médio.

É válido relatar uma primeira aula no Ensino Fundamental, onde o professor se apresenta e conta um pouco de sua trajetória até aquele instante, na intenção de ter uma aproximação proveitosa daqueles alunos até então desconhecidos para ele. Em contraponto, procura-se saber mais deles, o que faziam, onde moravam e que tipos de lazer tinham, para em momentos posteriores ir diminuindo esta distância entre o professor e o aluno. Cabe salientar que esta proximidade pode ser muito benéfica para os dois lados, quando o professor e os estudantes se permitem ouvir e aprender uns com os outros, a progressão dos pensamentos ocorre com maior facilidade. Desta forma, mantendo este tipo de atitude, o professor foi melhor recebido por quase todos os alunos, digo quase porque sempre existem aqueles educandos mais resistentes aos quais por motivos diversificados tendem a não querer a presença de outro professor, a não ser o titular.

No decorrer das aulas, em vários momentos, ocorrem perguntas ou curiosidades trazidas pelos alunos que surpreendem o professor, pois quase sempre são questões que não estão bem ligadas ao assunto tratado naquele momento da aula. Pode-se destacar um momento em que um aluno pergunta para o professor se ele quer continuar a dar aula em escola pública, talvez comparando o tipo de aula praticado pelo docente, com uma forma de visão diferente daquela a qual eles estão acostumados, ou até mesmo sentindo a empolgação do professor-estagiário comparado com a dos outros professores. Deste modo o professor

precisa aprender que as visões e os desejos dos alunos a respeito do mundo mostram-se bastante diversificadas. É importante ouvir o que os jovens alunos têm a dizer sobre suas vidas, e o profissional docente aprende com isso, pois conhecendo o mundo deles conseguirá formular aulas que façam sentido e desenvolvam as capacidades dos educandos.

Em outra situação, forma-se a curiosidade sobre de onde vem o ouro, aula em que foi considerada muito boa, pois aconteceram muitos diálogos e reflexões sobre muitas coisas, além do tema proposto. Tais curiosidades se estenderam para a área geológica e foram dentro de seus limites contextualizadas pelo professor, buscando desenvolver e explicar, juntamente com os alunos, as dúvidas apresentadas. Também ocorreu de uma aluna perguntar a disponibilidade do professor em assumir a aula de Matemática na turma deles, evidenciando desta maneira que o professor vai além da matéria lecionada, na visão dos alunos. Isto significa que talvez os alunos enxerguem muito mais o lado humano em que se relacionam com seus professores do que a importância dos conteúdos impostos a eles, onde os estudantes escolhem e preferem aqueles professores que por algum motivo os agradam mais, ou acreditam que menos os irá atrapalhar na escola. A relação dos alunos com o professor deve ser de respeito e confiança, por tal motivo os estudantes procuram se relacionar e preferirem aqueles docentes em que mais confiam e sintam que este profissional os respeite e tenha algo para lhes oferecerem.

Relata-se um momento desagradável vivido no Ensino Fundamental, em que foi tentado utilizar uma espécie de jogo do verdadeiro ou falso, onde os alunos deviam dividir-se em grupos e responder a perguntas feitas pelo professor sobre questões ambientais. Esta aula tornou-se complicada e difícil, por que além dos alunos não respeitarem as regras colocadas para a execução do jogo, a condução como juiz foi bem atrapalhada, influenciando diretamente no andamento da aula. Isto é comentado, pois uma desordem tomou conta da sala de aula e a tentativa de construir algo em que a curiosidade dos alunos aflorasse e trouxesse pontos instigadores para eles não pode ser atingida. Acredita-se que a falta de um melhor posicionamento em discutir e apresentar os caminhos que poderiam ser seguidos durante o exercício, apesar de a turma estar bem agressiva e difícil, se faz necessária uma melhor avaliação para que, em oportunidades futuras, procure-se observar melhor e guiar com maior nitidez a proposta do jogo.

Contrastando com as linhas anteriores, um momento agradável, entre outros ocorridos no período de estágio, ocorreu quando após uma aula considerada de pouca validade foi decidido mudar a maneira de apresentar a proposta de aula, colocando para a turma pedaços do conteúdo no quadro e logo após explicar, indagá-los com perguntas,

fazendo-os interagir e desenvolver certa curiosidade a respeito daquilo que estava sendo apresentado. Como parte surpreendente, os alunos responderam positivamente, formulando perguntas e observando com alguma atenção as explicações colocadas tanto no quadro, como faladas e dialogadas com eles. Houve satisfação por esta aula, pois foi conseguido sentir que os alunos caminhavam na mesma direção em que era proposto este segmento, transformando aquele momento em algo idealizado anteriormente. Neste alcance por este sentimento, o caminhar na mesma direção remete a questão do aluno e professor perceberem e desenvolverem o mesmo assunto ou tema tratado, objetivando alcançar o mesmo ponto para uma explicação que faça mais sentido para ambos. Esta idealização parece sempre ser buscada pelo docente, na qual procura transformar e se reinventar para atingir e fazer seus educandos pensarem e criarem maneiras de resolver e entender os conteúdos.

Observa-se que poucas aulas foram a contento do professor, porém, nas que houve um saldo mais positivo surpreendendo o docente, foi utilizada uma forma de colocar um pouco de conteúdo no quadro, depois se usa o diálogo com eles, fazendo-os a participar da aula mais ativamente. Acredita-se que com esta turma tenha sido a melhor forma de trabalho, aonde se chegou mais perto da atenção deles sem que houvesse muito conflito e resistência por parte dos alunos. Colocam-se aqui conflitos, porque esta turma tinha dificuldades em manter o silêncio e seguir regras de educação e bons modos, chegando a diversos momentos a apresentar uma agressividade muito incomoda para o profissional docente que estava na sala de aula. Este fato, somado a impressão de que os estudantes não estavam com vontade de participar da aula, criando ai uma barreira para o trabalho do professor, prejudicando o desenvolvimento da aula.

Afirma-se que muitas coisas não saíram conforme o planejado e, nestes momentos, a aula ficou comprometida, levando o docente a tentar entender o que fizera para uma desordem neste sentido. Existiram aulas em que alunos utilizaram de palavras de baixíssimo nível com a intenção de ofenderem uns aos outros, tornando a situação bem desagradável em um ambiente escolar. A agressividade e falta de comportamento de alguns estudantes foram o que mais teve destaque negativo, somando-se a um aparente desinteresse de pontuais alunos da turma. Talvez uma maneira de lidar com isso fosse a implementação de um trabalho não apenas de um professor, mas de todos que trabalham nesta turma, apresentando aos estudantes um caminho em que eles tivessem a oportunidade de aprender e enxergar as suas potencialidades, não necessitando de agressividade para se defender das pessoas ao seu entorno.

Evidencia-se que, o que não era esperado, foi a desordem em que estão mergulhados estes alunos, onde na maioria das vezes, os mesmos conseguem comprometer a aula fazendo

com que o professor não consiga desenvolver os assuntos propostos. Isto foi sentido e vivido em aulas em que o professor encontrou extrema dificuldade em conseguir a adesão da turma para seus propósitos de uma aula participativa e criadora de aprendizados e ensinamentos. Já o melhor do que o esperado foi saber que são alunos muito inteligentes, com grande capacidade de percepção e interação, trazendo em muitas aulas temas em que o profissional docente julgou muito distante para eles. Esta característica dos estudantes, dependia muito de quando eles estavam a fim de participar, de percepção e interação apresentando temas pertinentes à aula, trazendo em primeiro lugar a crença de que existe uma saída para a melhora do ensino. Em segundo lugar, a questão que ainda não foi concretizada, uma forma de ensinamento e aprendizado que contemple um equilíbrio para a educação nas escolas, fazendo com que o educando realmente entenda o seu lugar no mundo e participe dele como protagonista.

Como uma das últimas atividades neste primeiro estágio, foi solicitado aos alunos que realizassem o preenchimento de um questionário avaliativo do professor no estágio, em que se pode constatar a opinião destes estudantes. Muitas das respostas escritas ajudaram a melhorar o desempenho como docente, fazendo refletir e transformar o modo de estar professor. O que os alunos escreveram deve ter sua relevância para o professor e isto não pode ser menosprezado, pois como vamos ajudar a desenvolver nossos educandos se não prestarmos a atenção no que estão pensando? Partindo desta proposta, acredita-se que as falas e propostas dos alunos precisam ser bem observadas pelo profissional docente, levando sempre em conta que o professor não é o dono da verdade e que podemos aprender e ensinar com os nossos estudantes. Estas avaliações certamente amostraram caminhos que podem ser seguidos para melhorar o nível de aula do professor. Os alunos ficaram surpresos e empolgados para avaliar o professor, pois, conforme eles mesmos disseram, ninguém na escola fazia aquele tipo de prática. Também foi percebida a carência afetiva desta turma, apresentada por inúmeros motivos, como perguntas pessoais direcionadas ao professor, tentativas de aproximação através de cumprimento e exposição de momentos vividos pelos alunos fora da escola.

Agora para falar do Ensino Médio, faz-se necessário destacar a primeira impressão do âmbito escolar seja estrutural ou organizacional. Necessita-se deixar bem claro que a recepção nesta escola foi muito boa, onde muita confusão e descaso estão ocorrendo por parte do sistema público, afetando diretamente na vida de todos que utilizam e precisam da educação pública. Neste sentido, procurou-se desde a primeira aula no Ensino Médio falar com eles com muita humildade e tentar avaliar o que eles buscam. A tarefa não é fácil, e o

caminho para chegar a eles parece como um imenso labirinto de ideias e ansiedades, que se misturam no dia a dia de suas vidas. Um labirinto, pois o profissional docente pode escolher qualquer caminho, em que existem várias opções que levarão a várias saídas. Estas ideias e ansiedades podem ser muitas no sentido de entender melhor os alunos, assim como descobrir o que eles pensam, as suas aspirações, vontades e o que os interessa. Sempre é importante a aproximação com os estudantes, fazendo perguntas e conversando sobre assuntos do cotidiano deles. Nesta estratégia, percebe-se que mesmo fazendo um papel de professor mais aberto na maneira de dialogar em sala de aula, as relações com os educandos nem sempre são possíveis, pois cada um utiliza uma maneira de encarar a vida, estando com sua linha de pensamento, em alguns casos, em diferentes direções não coincidindo com a do professor.

Consegue-se sentir nas aulas certa oscilação destes jovens em relação ao que buscam e se interessam. Isto se torna mais claro quando o professor pergunta o que esperam do futuro? Tentarão cursar algum curso superior? No princípio, poucos educandos se abrem e apresentam suas vontades, mas em aulas posteriores, diferentes estudantes vão deixando escapar suas aspirações de vida. Uma estudante diz que irá fazer Universidade apenas para ter um Ensino Superior por que quer casar e ser dona de casa. Outra estudante pretende ser Professora de Matemática e afirma gostar muito da matéria. Um aluno diz que está dividido entre frequentar um curso técnico ou um curso superior, pois, conforme ele mesmo fala, necessita trabalhar para custear suas despesas.

Em muitas aulas boas perguntas foram feitas e vários momentos de diálogo e discussão construtiva foram formados, enriquecendo os assuntos tratados com a participação e curiosidade dos alunos. Foram tratados assuntos referentes à economia de alguns países, mas não apenas isto, pode-se inclusive relacionar estes lugares e suas formas de vida com o espaço dos alunos em sua cidade. Talvez o estilo de aula que se apresenta seja um pouco tradicional na maneira de querer demonstrar os conteúdos de Geografia e exigir a colaboração dos alunos, já que é onde parece haver melhor segurança, contudo não se deixa de procurar desenvolver com os educandos a reflexão sobre os temas falados em sala de aula. Este fator tradicional tem seu fundamento na formação do docente desde a sua infância, onde muito de seus atos são reflexos da educação que tivera desde criança até a adolescência. A partir da entrada no setor acadêmico é que vai ser melhor trabalhada esta questão, porém nem todos os hábitos são modificados em um primeiro momento. Pode-se afirmar que algumas aulas deram certo, desta forma acredito que devo ser exigente e manter os pés no chão, sempre entendendo que não existe uma docência perfeita. Para este público, preciso estar sempre me reinventando, atitude que para mim não é tão simples devido a, talvez, minha falta de

experiência. Então devo encontrar a motivação necessária, trazendo o que de melhor conseguir para dentro da escola.

Como uma das piores aulas, destaca-se um momento em que compareceram poucos alunos à escola, por motivos diversos e uma boataria de greve na cidade, acarretando em um número reduzido de estudantes naquela aula, com quatro alunos apenas. Vários professores não compareceram para ministrar suas aulas e o clima de desânimo dos alunos, por estarem naquele ambiente sem perspectiva, só aumentava. O professor estagiário entra na sala e os alunos ficam surpresos porque a professora titular não compareceu à aula, mas logo explica que, como estagiário, vai tentar seguir ministrando as aulas e que pelo menos eles terão alguma aula de Geografia naquele período. No decorrer da aula nota-se total descaso em que está mergulhada a grande maioria e, talvez inconscientemente, isto fosse afetando o professor a tal ponto de não conseguir atingi-los como ele gostaria. Em um primeiro momento o impacto deste descaso parece ser culpa do professor, pelo menos é desta forma que é sentido, porém consegue-se analisar que fatores externos em que os estudantes estavam envolvidos, como uma gincana que a escola estava a preparar, levou o foco destes educandos para outro lado. Pode-se também pensar que o professor necessita observar bem cada caso e não desista daqueles alunos que ficaram na sala de aula. Estes estudantes merecem uma aula tão boa quanto aquela que se daria em uma turma cheia de alunos, por que para lidar com estas frustrações de não se ter educandos participando, o professor pode focar-se e valorizar aqueles que ali estão com fome de conhecimento e, neste sentido, perceber que estava desenvolvendo algo neles como gostaria.

No caminho inverso ao anterior, relata-se uma aula muito proveitosa quando os alunos estavam em maior número e com uma motivação diferente, por circunstâncias que não se pode superficialmente ser precisadas. Nesta aula foi utilizado o mesmo formato das outras, porém ocorreram várias perguntas e curiosidades a partir dos alunos que tornaram o momento bem mais propício ao desenvolvimento do raciocínio e do diálogo. O professor sai bem contente da aula, acreditando que tinha deixado algo de útil para aqueles estudantes.

Muitas aulas não saíram como o esperado, em que o intuito da aula seria o de desenvolver um assunto e refletir sobre ele, relacionando com os alunos o tema com suas realidades, não pela bagunça dos estudantes que era facilmente controlada, mas pela reação deles completamente diferente dos alunos no Ensino Fundamental. A impressão que este período apresentou foi de que os alunos com esta idade mais adulta acreditam não precisarem de mais nada, pois já sabem de tudo e se acham suficientemente independentes para seguirem o caminho que quiserem. Neste sentido, o papel do professor deve ser o demonstrar outros

caminhos e visões, para que o aluno avalie melhor o que realmente sabe sobre o que faz no mundo e para onde pretende seguir.

Como fator para uma melhor aula, acredita-se que o profissional docente deve prepara-se em um posicionamento mais reflexivo sobre a sua maneira de trazer os conteúdos e apresentá-los para a turma tentando, desta forma, evitar uma aula que seria considerada ruim. Nota-se que pouca coisa não seria realizada novamente, pois é preciso considerar que cada turma é diferente e reage de maneira distinta a diversas situações, mas muito precisa ser aprimorado na condição como docente. Acrescenta-se aqui a necessidade de mudar a maneira como é evidenciada as regras do desenvolver das aulas, e até mesmo em algumas atividades onde falharam as explicações para um bom desenvolvimento do assunto. Esta falta de clareza pode ter sido um fator importante na incompreensão, deixando os alunos um pouco perdidos em relação às propostas apresentadas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Colocou-se aqui algumas sensações e, porque não, frustrações vividas neste caminho percorrido na tentativa de aprender e desenvolver a educação. Esta educação, com suas particularidades e porque não dizer dificuldades de se fazer compreender entre docentes e alunos, contém a potencialidade tanto para progredir como para estagnar nosso meio social, dando aos estudantes um poder de escolha que bem usado os levará a criar e ver o mundo de uma maneira mais uniforme e articulada.

Existiram momentos dentro do período de estágio em que as dificuldades vividas entraram em conflito com as decisões que precisavam ser tomadas, o que se deve e muito a certa inexperiência do professor. Além disto, o sucateamento das escolas e o descaso de alguns profissionais docentes, tornam o desenvolvimento, a criação e a visão dos estudantes sobre o mundo onde vivem um espaço fragilizado na intenção de um ensino com melhor qualidade. Depois de ter passado por turmas do Ensino Fundamental e Médio um fator que chamou a atenção foi a diferença de foco que cada turma tem em sua idade e dentro da escola. Parece que no Fundamental, no oitavo ano, a energia gasta por eles para bagunçar e não parar quietos não tinha fim. Já no segundo ano do Ensino Médio, a energia deles é utilizada de outra maneira, então eles não bagunçam tanto, porém a maneira de lidar com as aulas é bem diferente do Ensino Fundamental. O aparente descaso do jovem pela educação tem em sua parte a explicação de talvez, o professor não conseguir dar sentido as explicações e ligações da Geografia com a realidade deles. Para dar este sentido, a aula deve conter atrativos em que o estudante participe e tenha vontade de contextualizar o assunto tratado, não vendo estes conteúdos desconexos com o mundo onde vive. Este sentido pode ser percebido quando o aluno demonstra sua vontade de participar da aula e colocar sua opinião, mostrando um desejo de desenvolver sua aprendizagem.

O que se quer dizer com isto é que diversos fatores que passam desde a escolha do conteúdo e a forma como será abordado, podem dar à aula o caminho mais ou menos condizente para que o docente chegue ao alcance do seu objetivo. Fatores como um bom plano de aula, objetivos claros e temas que construam com o aluno o entendimento do seu espaço, pode fazer toda a diferença para a finalidade de uma boa aula. Também se deve salientar a maneira como as regras devem estar claras para a boa compreensão dos estudantes. Nestas regras deve constar o que se pode ou não seguir dentro de uma aula, onde os trabalhos, exercícios e maneiras de assistir e participar das aulas tenham um sentido de desenvolvimento para todos. Isto certamente evitará que este período escolar tome direções que não

acrescentarão em nada à proposta da aula. Desta maneira, para identificar o que dentro do período de estágio tem mais importância para a formação docente, pode-se concluir que a aceitação do profissional docente em tentar compreender seus alunos e seus cotidianos, aprendendo desta forma o que eles realmente necessitam desenvolver em suas vidas, torna-se fundamental. Acredita-se que, com este posicionamento, o professor, conhecendo melhor os seus estudantes, traga e formule aulas que realmente sustentem o raciocínio, aprendendo e ensinando com públicos distintos em cada turma, porém não se abstendo de conduzir uma boa aula de Geografia.

O momento do estágio foi uma experiência única em cada dia que o aluno-professor entrou na sala de aula. Consegue-se dizer com satisfação que o aprendizado é contínuo e que o tempo vivido nas escolas torna-se muito valioso para a formação do professor. Desde o medo nas primeiras aulas para não errar tanto e procurar falar em uma linguagem entendível a todos, até as horas em que se passa refletindo sobre os passos errados trilhados, achando que nada tinha dado certo naquele dia em questão. Fala-se em passos errados por que o professor geralmente idealiza em sua cabeça o tipo de aula que vai apresentar aos seus alunos, mas quando algo foge daquele plano traçado, tem-se a culpa de que nada ou quase nada deu certo.

O estágio é sem dúvida o divisor de águas na questão de seguir em frente como docente ou mudar de profissão, pois é nele que se pode perceber as potencialidades como professor, buscando sempre um objetivo possível, que é o desenvolver uma boa aula. Não se tira o mérito do restante do curso, onde o valor se mostra importantíssimo na formação do futuro licenciado, contudo é no estágio que se pode ter certas sensações e experiências que outras matérias do curso não me possibilitaram. São as sensações reais de ser um professor e comandar o desenvolvimento de uma turma, além de poder conviver com toda a estrutura que abriga este ensino. Esta ligação entre a Universidade e a Escola faz toda a diferença no aprendizado do futuro docente, onde ele deve utilizar toda a sua bagagem e conhecimento adquiridos até então para dar ao ensino e seus alunos melhores formas de enxergar o mundo.

Então a pergunta que fica é: vale continuar na docência? Por tudo que foi passado neste período de aprendizado, acredita-se que a carreira de profissional docente necessita de uma preparação mental altíssima para suportar os desgastes a que está sujeito o professor em sala de aula. Condições de trabalho e perspectivas na carreira também são importantes, porém se o profissional conseguir superar algumas dificuldades e voltar seus olhos para os alunos, talvez tenha uma carreira onde a satisfação e o compromisso em guiar nossos jovens a uma melhor compreensão de mundo possa satisfazer a vontade em ser um professor.

A docência, como um caminho de conhecimento e aprendizado, torna-se uma prática em que o aluno-professor mantendo um bom comprometimento, produz um fascínio a este profissional refletindo toda esta vontade e certeza em poder ensinar e aprender com estes alunos. Este caminho obviamente não é fácil, pois inúmeros fatores, como realidade dos alunos, estrutura das escolas e organização de conteúdos afetam a maneira como o professor trará sua aula para os estudantes. Contudo, a gratificação em trocar conhecimento com os alunos e ver em seus olhos a curiosidade por obter novos desafios, alimenta o docente em sua jornada pelo ensino.

Neste sentido, a continuidade pelo ensino deve prevalecer, colocando a docência como uma profissão que proporcione ao professor uma realização em desenvolver com os estudantes melhores formas de ver e entender os locais a seu redor. Por este caminho, acredita-se que o aluno-professor, em seu período inicial dentro da sala de aula, consiga enxergar as possibilidades e potencialidades que existem nesta profissão. Transformando desta forma não apenas a si mesmo, mas a maneira como demonstra a sua aula e afeta os alunos, buscando sempre melhores condições para desenvolver o nosso ensino.

## REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. **A Formação do Professor de Geografia**. Boletim Gaúcho de Geografia, 20: 39p-41p, dez 1995. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38032/24535>>. Acesso em: 19 set. 2017.

CALLAI, Helena Copetti. **A Formação do Profissional da Geografia: o professor**. Ijuí : Ed. Unijuí, 2013. p. 168 – (Coleção Ciências Sociais).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 55 ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2017. p. 144.

KAERCHER, Nestor André. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões - Desafios e Utopias no Ensino de Geografia**. Organizadores Antonio Carlos Castrogiovanni ... [et al.]. 5. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, Associação dos Geógrafos Brasileiros. Seção Porto Alegre, 2010. p. 200.

KAERCHER, Nestor André. **Se a Geografia Escolar é um Pastel de Vento o Gato Come a Geografia Crítica**. Porto Alegre: Evangraf, 2014. p. 248.